

**ESCATOLOGIA REFORMADA E UMA REFUTAÇÃO
À TEOLOGIA DA “ÚLTIMA GERAÇÃO”**

POR

Rev. José Kleber Fernandes Calixto

**TRABALHO HERMENÊUTICO E EXEGÉTICO
SOBRE A ESCATOLOGIA BÍBLICA**

IBIÁ, 14 DE MAIO DE 2001

AGRADECIMENTOS

*à Vany,
pérola preciosa de valor inestimável,
manancial de minha mocidade, mulher
virtuosa que um dia pude encontrar;*

*à minha filha Priscila,
a esperança da continuidade
dos meus sonhos;*

*ao amigo Presbítero Ricardo,
que abdicando de seu descanso
nos deu sua preciosa ajuda
na correção final desta obra*

*ao amigo Anolfo,
do qual pude desfrutar
sabedoria e companheirismo;*

*ao Pr. Elizeu D. de Lima,
um modelo ministerial
em nossa geração.*

INTRODUÇÃO

Você leitor deve estar se perguntando o porquê desta obra sobre escatologia, já que existem tantas outras circulando (e muitas bem sérias), no mercado evangélico.

Confesso que hesitei muito antes de escrever este trabalho, não só pela natureza polêmica do assunto, mas também pelo grande pântano de opiniões que caracteriza a igreja evangélica brasileira de nossos dias.

Contudo, existem algumas razões que, ao meu ver, foram suficientemente fortes para me motivar a expor minhas opiniões neste livro:

Em primeiro lugar, o fato de que somos uma igreja reformada calvinista que confessa os símbolos de fé de Westminster. Embora isto seja uma verdade norteadora de nossas convicções, muitas de nossas igrejas são “ninhos” acolhedores de tipos de escatologias cuja base é totalmente arminiana e que ferem os fundamentos básicos de nossa fé reformada, e estão contrárias à escatologia calvinista afirmada nos símbolos de fé de Westminster – Confissão de Fé e Catecismo Maior.

Em segundo lugar, pelo fato de que esta “teologia”, além de estar alicerçada nos erros hermenêuticos da escola pre-milenista-dispensacionalista, contém ensinamentos errôneos que põem em cheque as **Doutrinas cristalinas do Cristianismo**.

Por exemplo: seria uma visão coerente com as Sagradas Escrituras dizer que após a Segunda Vinda de Cristo ficarão pessoas na terra e que estas ainda terão chance de salvação à luz de 1^a Co 15:23,24; 2^a Ts 1: 7-10? Ou ainda, seria correto afirmar, à luz de Jo 16:8-13; Ef 2:1,4, que apesar do Espírito Santo ser retirado da terra neste período (segundo afirma esta doutrina), muitos pecadores ainda se arrependem e se converterão? Como isso pode ser uma verdade bíblica se é através do ministério do Espírito que **o homem perdido é convencido do pecado, da justiça e do juízo**? E como coadunar este ensinamento errôneo com a doutrina calvinista da depravação total do ser humano?

Finalmente, estaria em consonância com as Escrituras dizer que após a Segunda Vinda de Cristo, encerrado o período da graça, voltar-se-ia novamente ao regime da lei, e que o homem teria participação importante na operação de sua salvação?

Todos essas asserções escatológicas extrapolam o campo das **teorias** e adentram (de forma nociva) o campo dos **dogmas e**

doutrinas fundamentais das Escrituras e da fé reformada como: salvação pela graça (*sola fide, sola gracia*), predestinação, depravação total do homem, eleição incondicional, graça irresistível, etc...

Em terceiro lugar, porque este tipo de escatologia fere todos os princípios hermenêuticos reformados¹ de interpretação das Sagradas Escrituras. Toda a escatologia da doutrina da “**última geração**” está posta na hermenêutica Espiritualista-alégorica, que caracterizou o período de trevas da teologia medieval pré-reforma.

Finalmente, este trabalho tem como motivação última, o desejo sincero de que pessoas possam **refletir sobre a base de sua fé**, para que não venham ser enveredadas por caminhos escorregadiços, sendo levadas a darem ouvidos a doutrinas de homens e de falsos mestres. Que Deus nos abençoe e nos ilumine nesta tarefa árdua de **perseguir a verdade**.

Nosso trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro, buscamos traçar as afirmações escatológicas da “Teologia da Última Geração”. Para este fim, usaremos a obra do Cel. reformado do Exército, Eliseu Pereira Lopes, o qual é

¹ Quando me refiro à hermenêutica reformada não me limito apenas ao método calvinista de interpretação, mas ao método histórico-gramatical usado não só pelos calvinistas, mas também por vários outros teólogos sérios que não fazem uma leitura alegórico-espiritualista das Escrituras.

o principal defensor e divulgador desta “doutrina” nas Igrejas Presbiterianas².

No segundo, buscaremos traçar uma escatologia realmente reformada, com afirmações que sejam coerentes com nossa fé reformada calvinista da soberania de Deus e da salvação só pela fé em Cristo Jesus, o que contrasta com a escatologia da “Última Geração”, a qual está erguida sob as bases arminianas. Neste capítulo, usaremos a hermenêutica reformada histórico-gramatical, a qual difere totalmente da hermenêutica da “Última Geração”, que é literalista e alegórica.

No terceiro capítulo, vamos apresentar a base escriturística, na qual, a escatologia reformada está firmada.

No quarto capítulo, apresentaremos os princípios hermenêuticos reformados de interpretação dos textos da Sagrada Escritura. Neste capítulo buscaremos mostrar que todos ensinamentos falsos que se encontram nesta “escola escatológica” tem como motivo, a falta de princípios hermenêuticos corretos, honestos e coerentes, os quais foram empregados por nossos pais na Reforma, e têm servido aos teólogos reformados até os nossos dias.

² O Cel. Elizeu dá conferências sobre escatologia nas igrejas e tem sido o principal propagador desta heresia. Sua obra “Somos a Última Geração” contém todas as afirmações escatológicas desta “doutrina”.

No último capítulo, faremos a refutação dos falsos ensinamentos desta doutrina capciosa da “Última Geração”. Analisaremos passo a passo todas as afirmações incongruentes com a verdade Bíblica e com a fé reformada.

Nosso intuito não é combater pessoas ou por em cheque a experiência de conversão daqueles que acreditam nesta falsa doutrina. A experiência me tem ensinado que muitos daqueles que crêem nela são irmãos sérios, e de vida muito piedosa.

Embora crendo cegamente nesta “miopia escatológica”, muitos crêem em nossa fé reformada, como foi legada a nós por nossos pais. Esta discrepância e incoerência teológicas advêm do fato destes irmãos terem um coração reformado e calvinista, mas uma mente arminiana. Não pensam com categorias reformadas - Pensam “arminianamente”. Não lêem a Bíblia com uma mente reformada, antes o fazem com uma mente medieval, com base em uma hermenêutica medieval.

“Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceiras nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” 2 Tm 4:3,4.

1. TEOLOGIA DA ÚLTIMA GERAÇÃO

Antes de apresentarmos a escatologia reformada, como é afirmada por Calvino, e está apresentada nos símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana, buscaremos apresentar os postulados escatológicos da teologia da última geração.

1.1 – Postulados da TUG.³

Esta “teologia” tem suas raízes fincadas na visão pré-milenista, pré-tribulacionista, dispensacionalista. Contudo, apresenta algumas variantes mais sutis, difíceis de serem combatidas. Todavia, não tendo o respaldo da verdade, sua falácia fica em evidência quando confrontada com as doutrinas cristalinas da Palavra de Deus.

Segundo a TUG, **Cristo voltará duas vezes**⁴. A primeira volta será uma vinda somente para a igreja, resultando no arrebatamento dos santos.⁵ Tanto esta primeira volta de Cristo, quanto o “rapto” da igreja será acontecimentos

³ A partir deste ponto, para não tornar a leitura cansativa, chamaremos a *Teologia da Última Geração* de TUG.

⁴ LOPES, E. P., *Somos a Última Geração*. pp. 61, 68.

⁵ Idem. pp. 61, parág. 3°; pp. 65, parág. 1°

secretos⁶ que o mundo não verá. Isto porque afirmam que Cristo não descerá à terra, mas permanecerá nos ares. Para a TUG esta vinda é iminente;⁷ isto é, pode ocorrer a qualquer momento. O **“dia de Cristo”**,⁸ como a TUG nomeia a primeira vinda, resultará também na primeira ressurreição dos mortos, das três que haverão de ocorrer⁹.

Logo em seguida ao arrebatamento ocorrerá no céu, segundo a TUG, o primeiro julgamento, que ela chama de “o Tribunal de Cristo”. Este terá como objetivo a distribuição de galardões para os crentes, já que só os crentes arrebatados participarão deste juízo¹⁰. Enquanto os salvos estiverem festejando no céu as bodas do cordeiro, segue-se na terra um período de sete anos de tribulação, durante o qual várias coisas acontecerão.

Em razão do arrebatamento da igreja, o Espírito Santo será retirado da terra e o anticristo será revelado, deflagrando assim, a grande apostasia¹¹.

⁶Idem. PP. 65, 68, 69

⁷A teoria da iminência defendida pela TUG se assemelha a dos pré-milenistas-dispensacionistas. Para estes a volta de Cristo é algo que pode acontecer a qualquer momento, porque não há (segundo eles) eventos previstos que devam preceder sua ocorrência. Para a TUG, a primeira volta de Cristo é algo que pode acontecer a qualquer momento porque os “sinais” preditos pelas Escrituras que apontam para este tempo já se cumpriram (ver o capítulo quarto da obra de Lopes, pp. 25).

⁸Idem. pp.61

⁹Na visão dispensacionista haverá 3 ressurreições: 1ª - no dia do arrebatamento, que será segundo eles apenas a ressurreição dos crentes mortos; 2ª - na Segunda Vinda, que é a ressurreição daqueles que morreram durante a grande tribulação; 3ª – a ressurreição dos ímpios no Juízo Final.

¹⁰Idem, pp. 51

¹¹Idem, pp. 30

Neste período pós-arrebatamento, o templo em Jerusalém será reconstruído pelos judeus e os sacrifícios restabelecidos¹². Encerra-se, portanto, o período da Graça e instaura-se novamente o **período da lei**. O Evangelho pregado neste tempo não mais será o Evangelho da graça, mas o evangelho do reino; isto é, o evangelho da inauguração do Reino de Israel¹³. A salvação deixa de ser um ato exclusivo da graça de Deus, para ser um prêmio pelo **martírio** daqueles que rejeitarem o governo do anticristo¹⁴. Neste período, o Evangelho será pregado pelos crentes glorificados que, em forma de anjos, descerão do céu e anunciarão o Evangelho do reino. Quase imediatamente, 144.000 judeus se converterão, e posteriormente, uma grande multidão de pessoas de todas as nações.

No meio dos sete anos, terá início a Grande Tribulação. No fim desta Tribulação acontecerá a Segunda Volta de Cristo com todos os seus santos, a qual a TUG chama de “Dia do Senhor”.

Nesta “Segunda volta” se dará a *guerra do armagedom*¹⁵. Jesus irá pelejar contra a besta e o falso profeta e contra

¹²Idem, pp. 37. Neste ponto a TUG difere da linha tradicional dos premilenistas dispensacionalistas. Veja a obra do Rev. Américo ribeiro *Iniciação Doutrinária*, vol.3, LUZ PARA O CAMINHO, pp. 24.

¹³Para a TUG, Cristo não estabeleceu o seu reino na sua primeira vinda por causa da incredulidade dos Judeus. Ele só fundou a igreja que não tem nada haver com o reino. Segundo ela, Cristo não é Rei da igreja, mas apenas cabeça. Veja Lopes, pp. 46.

¹⁴Idem, pp. 48, parág. III.

¹⁵Idem, pp. 51

as nações que se colocarem contra Jerusalém. Instaurará o ***Tribunal das Nações***, trazendo ira e vingança contra estas nações¹⁶. Ainda promoverá a ressurreição dos santos que morreram durante a tribulação, destruirá o anticristo e aprisionará Satanás por mil anos.

A partir deste momento, terá início o reino milenar de Cristo na terra com toda a glória material. Jerusalém será a sede deste reino, os judeus serão cidadãos naturais do Reino e os gentios convertidos, cidadãos adotivos. Não obstante reinarem o pecado e a morte na terra neste período haverá grande prosperidade e a vida do homem será mais longa e o deserto se cobrirá de flores.

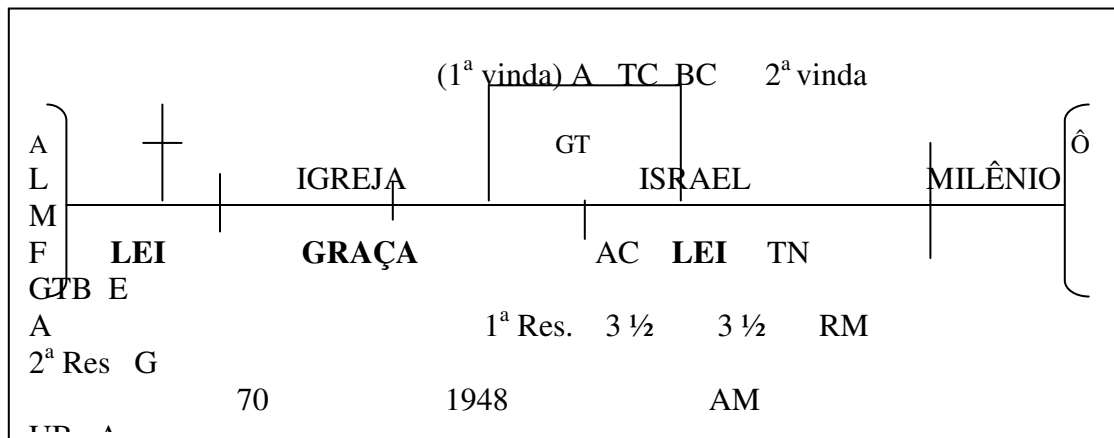
Com o fim do milênio, satanás será solto, por um pouco de tempo, e os exércitos de Gogue e Magogue serão vencidos na última batalha e destruídos pelo fogo que descerá do céu. Satanás será lançado no grande abismo, onde já se encontram a besta e o falso profeta. Após breve espaço de tempo os ímpios

¹⁶Idem, pp. 61. Segundo o autor, O Dia do Senhor, que para ele é a vinda visível de Cristo com o seus santos, trará juízo contra as nações ímpias.

ressuscitarão¹⁷, para serem julgados e condenados. A igreja será elevada ao céu e Israel permanecerá na terra¹⁸.

1.1.1 - GRÁFICO ESCATOLÓGICO DA TUG.

Desta forma, podemos representar graficamente os presentes postulados da TUG conforme quadro abaixo:



1.1.2 - LEGENDA.

- A - ARREBATAMENTO**
- AC - ANTICRISTO**
- AM - ARMAGEDOM**
- BC - BODAS DO CORDEIRO**
- TC - TRIBUNAL DE CRISTO**

¹⁷Segundo a TUG, a exemplo dos dispensacionalistas, entre a primeira ressurreição dos crentes e a ressurreição dos ímpios, há um intervalo de tempo. Porém não haver uma definição clara quanto ao que eles se referem a primeira ressurreição, o período de mil anos pede não ser uma conclusão não muito exata. Como eles colocam uma ressurreição na pretensa “primeira volta” de Cristo nas nuvens, outra na “segunda volta” de Cristo que será a dos crentes mortos na tribulação, e uma última no Juízo Final no fim do milênio, então seria razoável crer que segundo as suas asserções, o intervalo entre as ressurreições dos justos e dos ímpios é de mil e sete anos.

¹⁸Embora seja este o desfecho propalado pelo sistema dispensacionalista, a TUG não dá com clareza sua posição quanto ao desfecho da história. Se a igreja vai habitar no céu e Israel na terra, ou se ambos viverão na terra.

GT – GRANDE TRIBULAÇÃO
GTB – GRANDE TRONO BRANCO
RM – RESSUSREIÇÃO DOS MÁRTIRES
TN – TRIBUNAL DAS NAÇÕES
UB – ÚLTIMA BATALHA

2. ESCATOLOGIA DE CALVINO

E DOS SÍMBOLOS DE FÉ DE WESTMINSTER¹⁹

A escatologia dispensacionalista da TUG fere frontalmente, não só a escatologia de Calvino, como também a escatologia reformada apresentada nos símbolos de fé de Westminster²⁰.

2.1 – AFIRMAÇÕES ESCATOLÓGICAS DE CALVINO

Calvino, em consonância com as Sagradas Escrituras, fez em suas Institutas as seguintes afirmações:

2.1.1 – Quanto à Segunda Vinda de Cristo:

¹⁹Haja vista, o arcabouço escatológico ser extenso, nos limitaremos a discorrer a doutrina reformada da Segunda Vinda de Cristo e os últimos atos de Deus na história humana que estão relacionados com este acontecimento final; a saber, a ressurreição dos mortos (justos e injustos), a grande tribulação, a apostasia e o Juízo Final. Nosso interesse nestes assuntos delimitados tem como causa o fato de que as heresias da teologia da “Última Geração” atingem a sã doutrina da Palavra de Deus diretamente nestes pontos.

²⁰Tanto a escatologia de Calvino quanto a apresentada nos símbolos de fé de Westminster é, segundo cremos, a sã doutrina apostólica resgatada na Reforma por Calvino.

para que considere aquela presença visível que se manifestará no **último dia**. Porque Ele virá de forma visível, como o viram subir (Atos 1:11), e será visto por todos na inefável majestade de seu reino, rodeado do resplendor de sua imortalidade, com todo o poder de sua divindade, e com inumeráveis hostes de seus anjos (Mt 24:30). Por isso se nos manda que esperemos ao nosso Redentor naquele dia em que separará as ovelhas dos bodes (Mt 25:32), os eleitos dos réprobos; e não haverá ninguém que, estando vivo ou morto, possa escapar do seu juízo. Porque o som da trombeta se fará ouvir por toda parte, até nos mais distantes rincões da terra, e com ela todos os homens serão chamados e tomarão lugar perante o tribunal de Deus, tanto os vivos, quanto os mortos. É certo que nem todos morrerão, ou como disse o apóstolo, que nem todos dormirão, porém todos serão transformados(1ª Co 15:51-52). Que significa isso? Que sua vida mortal deixará de existir em um momento, e será totalmente transformada em uma nova natureza. De todo modo, o certo é que os vivos e os mortos serão chamados para comparecer no dia do juízo. 'Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; logo nós os vivos que ficarmos,

seremos arrebatados com eles nas nuvens para receber o Senhor nos ares’.²¹

2.1.1.1 - ENSINO DE CALVINO SOBRE A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

Diante destas afirmações, podemos chegar às seguintes conclusões, quanto o ensino escatológico de Calvino sobre a Segunda Vinda de Cristo:

1) A Segunda Vinda de Cristo será um evento único. Na mesma ocasião que virá buscar a sua igreja, Jesus Cristo fará a separação dos bodes das ovelhas, chamará todos os mortos à vida, isto é, ressuscitará tanto crentes como descrentes, e julgará toda a raça humana de todos os tempos. Portanto, para Calvino a Volta de Cristo é um evento único que encerra todos os acontecimentos escatológicos, os quais acontecerão simultaneamente e sem intervalo de tempo (no último dia).

2) Será uma vinda visível para toda a humanidade. Ao contrário daquilo que é ensinado pela TUG, para Calvino, a volta de Cristo será uma vinda visível, percebível e notória

²¹CALVINO, *Institución De La Religión Cristiana*. VI. 1, Lv. II, cap. XVI,17.

a toda a humanidade. Tanto a igreja, como o mundo inteiro sem Cristo, verão a volta do Senhor nas nuvens²².

3) Estabelecerá o fim da história humana. Para Calvino, na Segunda Vinda de Cristo se dará o fim da história humana. Ele chama este dia (em consonância com as Escrituras) de “**o último dia**” - o dia derradeiro da história humana. Encerra-se o último capítulo da vida humana e todos os homens são intimados a comparecer diante do Tribunal de Deus para serem julgados. Por conseguinte, neste dia não haverá pessoas na terra indiferentes ao retorno de Cristo como ensinam os pré-milenistas-dispensacionalistas e a TUG. Porque “não haverá ninguém que possa escapar de Seu Juízo”.

4) Encerrará a oportunidade de salvação. Diferente do que ensinam os dispensacionalistas da TUG, segundo Calvino, depois da Volta de Cristo não haverá mais oportunidade de salvação²³. Jesus, em seu retorno, “virá para separar os cabritos das Suas ovelhas”²⁴. **Os cabritos** são aqueles que não conheceram a Jesus e não fizeram a vontade de Deus para sua vida. **As ovelhas** são os eleitos de Deus, que ouviram a voz de

²²Se desejar, veja novamente esta questão na página 8.

²³Para TUG, depois “primeira volta” de Cristo, haverá ainda oportunidade de salvação para as pessoas que não aceitaram a Cristo como Seu Salvador. Após este “retorno preliminar”, a humanidade passará por uma grande tribulação; os crentes glorificados descerão do céu e pregarão para aqueles que rejeitaram o evangelho antes da vinda de Cristo.

²⁴Calvino, Lv. II, Cap. XVI, 17; III, Cap. XXV, 9.

Jesus e o seguiram. Aos cabritos, ele dirá: “apartai-vos de mim, malditos para o fogo eterno. E para as ovelhas: “vinde benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”. Portanto, após a volta de Cristo não haverá uma segunda oportunidade de salvação para aqueles que não se tornaram ovelhas de Cristo.

2.1.2 - Quanto à ressurreição dos mortos:

A fim, pois, de que não tenhamos dúvida alguma de que seremos companheiros de Jesus Cristo ressuscitado, como ele ressuscitou, o apóstolo Paulo expressamente afirma que a razão pela qual Cristo está sentado no céu e há de vir como Juiz no último dia é transformar o corpo de nossa humilhação, para que sejamos semelhantes ao corpo de sua glória. Ademais, as palavras de Daniel tampouco trazem alguma dúvida. ‘Muitos, (diz ele), dos que dormem no pó, serão ressuscitados, uns para a vida eterna, outros para vergonha, horror eterno’, ...Nem é mais obscuro o que disse o Senhor em outra parte: ‘Virá a hora quando todos os que estão nos sepulcros, ouvirão a voz do filho de Deus e sairão. Os que houveram feito o bem para a ressurreição da vida, e os que houverem feito o mal, para a ressurreição do Juízo’. O que fica fora de dúvidas, é que uns ressuscitarão para a vida e outros para morte, que Jesus virá para apartar as ovelhas dos cabritos.²⁵

2.1.2.1 - ENSINO DE CALVINO SOBRE A RESSUSREIÇÃO

²⁵Idem, Lv. III, Cap. XXV, 3, 7,9 .

Podemos, portanto, chegar às seguintes conclusões a respeito da visão de Calvino quanto à ressurreição dos mortos:

1) A ressurreição escatológica será um evento único.

Calvino difere totalmente do ensino da TUG quanto a ressurreição dos justos e ímpios.

Segundo esta, haverá três ressurreições, cada uma em época diferente: a "*primeira ressurreição*" diz respeito aos santos que morreram antes da "*primeira volta*" de Cristo, a qual acontecerá antes da Grande Tribulação; a "*Segunda*" refere-se aos mártires mortos durante a Grande Tribulação e terá lugar no início do milênio; e por fim, a "*última*" ressurreição será a dos ímpios que rejeitaram o evangelho; e ocorrerá no final do milênio, antes do juízo final.

Calvino, ao contrário, diz haver apenas uma ressurreição física tanto para justos quanto para ímpios, a qual se dará num mesmo dia - **o dia do Juízo Final**. Tanto estes quanto aqueles, ressuscitarão simultaneamente; não havendo assim nenhum período de tempo entre suas ressurreições.

2) A ressurreição geral acontecerá no último dia. Pela expressão "**no último dia**", Calvino estabelece o tempo em que ocorrerá a ressurreição geral dos mortos.

Podemos, portanto, inferir que (segundo ele) não haverá um "day after" à ressurreição. Ela se dará no último dia, sendo o último ato de Deus na história humana.

O que se depreende disso, é que fatos escatológicos como **tribulação, pregação do evangelho para as nações, reconstrução do templo de Jerusalém, conversão de Israel**, não podem ter lugar após a ressurreição geral, pelo simples fato de que, com a ressurreição dos mortos, se dá o fim da história humana na terra.

2.1.3 - Quanto ao Juízo Final:

... Cristo logo depois de cumprir com seu ofício de Juiz, entregará no **último dia** o reino a Deus pai...; ...para que considere aquela presença visível que manifestará no **último dia...**; por isso se nos manda que esperemos ao nosso Redentor naquele dia em que separará as ovelhas dos bodes (Mt 25:32), os eleitos dos réprobos; e não haverá ninguém que, estando vivo ou morto, possa escapar do seu juízo...; ...o apóstolo Paulo expressamente afirma que a razão pela qual Cristo..., **...há de vir como Juiz no último dia** é

transformar o corpo de nossa humilhação, para que sejamos semelhantes ao corpo de sua glória. É certo que os vivos e os mortos serão convocados para comparecer ao dia do juízo.²⁶

2.1.3.1 - ENSINO DE CALVINO SOBRE O JUÍZO FINAL

Quanto ao juízo final, o que se aduz ao nosso conhecimento, no que tange ao ensino de Calvino, são os seguintes fatos:

1) O Julgamento dos homens (tanto de justos quanto de ímpios) será um evento único. Ao contrário do ensino da TUG²⁷, o qual afirma que haverá três juízos divinos, Calvino coadunado com o ensino das Escrituras, afirma que o Juízo Final será um evento único, no qual todos os homens (justos e ímpios) de todas as nações e de todas as épocas serão julgados para salvação ou para perdição eterna.

2) O Juízo Final encerrará a história na terra. Ele se dará no **último dia**; não havendo, portanto, “juízos” antes nem depois do dia derradeiro.

²⁶Idem, Lv. II, Cap. XIV, 3 e XVI, 17; III, Cap. XXV, 3.

²⁷Segundo a TUG, os juízos de Deus serão três, a saber: o Tribunal de Cristo - só para os crentes no céu após o arrebatamento, o Tribunal das nações – para Israel e as nações após a Grande Tribulação, o Grande Trono Branco – só para os ímpios de todas as épocas. Se necessário, veja novamente o gráfico escatológico da TUG na página 11. Estas afirmações podem ser encontradas no livro do Cel. Elizeu, já citado anteriormente, nas páginas 51, 60.

O que se assevera desta informação é que nenhum evento humano terá lugar depois do juízo; pois todos os atos, todas as obras humanas, todos os projetos humanos foram pesados e julgados perante o Senhor. Os livros das obras de cada homem, a serem abertos naquele dia, apontam para um encerramento da história humana.²⁸

3) O Julgamento da humanidade encerrará a oportunidade de salvação. Depois do Juízo Final, o qual conforme podemos ver anteriormente é um evento único, não haverá mais nenhuma chance de salvação para aqueles que não se converteram a Cristo até aquele instante. Calvino diz que na Sua Segunda Vinda, Cristo virá para separar **"os eleitos dos réprobos; e não haverá ninguém que, estando vivo ou morto, possa escapar do seu juízo"**.

2.1.4 - Quanto ao milênio:

Porém pouco depois surgiram os **quiliastas**²⁹, que assinalaram ao reino de Cristo o limite de mil anos. Esse **delírio** está tão fora de caminho, que não merece resposta. Nem a passagem que ditam do Apocalipse, o qual sem dúvida deu o pretexto a seu erro, em nada favorece sua opinião, já que o número mil que ali se faz menção

²⁸Apocalipse 20:12

²⁹vem da palavra grega "Quilion" que significa mil.

(Ap 20:4) não deve ser entendido como a bem-aventurança eterna da igreja, mas como **as diversas tribulações** que a igreja militante (ainda) haveria de ser afligida.³⁰

2.1.4.1 ENSINO DE CALVINO SOBRE O MILÊNIO

Em súpula, Calvino não fomentava em seu coração nenhuma esperança milenar que fizesse parte desta presente ordem existencial das coisas, o que seria embair-se por um positivismo simplístico e apriorístico. Antes, via no milênio, o domínio espiritual de Cristo sobre sua igreja. O qual é nesta atual conjuntura limitado pelas contingências, mas que terá sua plenitude a partir da mirífica volta de Cristo. De suas afirmações sobre o milênio podemos depreender o seguinte ensino:

1) O reino de Cristo não está limitado por um período de mil anos. Para Calvino, delimitar o Reino de Cristo a um período de mil anos é algo que só pode ser classificado como um **delírio**, devaneio e sandice.

Em sua explanação do Reino de Cristo em suas Institutas³¹, mostra que o reino de Cristo é **eterno** e de natureza **espiritual**. Para Calvino, Jesus estabeleceu o seu Reino já em seu ministério terreno (Lc 1:33), e tem mantido o

³⁰Calvino, Lv III, cap. XXV, 5.

³¹Idem, Lv II, cap. XV, 3,4,5.

domínio do seu Reino sobre a igreja e seus membros, guardando-a das vicissitudes e estos desta presente ordem, de tal forma que ela permaneça sã e salva.

No último dia, Cristo entregará o Reino a Deus, o Pai, cumprindo o seu ofício de reger e conservar a igreja que Deus havia confiado em suas mãos.

Portanto, a natureza do Reino de Cristo não está ligada a **sinais exteriores**, nem a comodidades externas desta vida. Não está circunscrito a um lugar, à nação de Israel ou a um governo mundial teocrático com sede em Jerusalém; mas reside na consciência e no espírito do povo de Deus. Como Cristo mesmo disse: "Não vem o reino de Deus com visível aparência..., ...porque o reino de Deus está **dentro em vós**" (Lc 17:20,21).

2) Não haverá um período milenar aqui na terra após a Segunda Vinda de Cristo. Nisto a posição de Calvino difere da TUG em três pontos:

- a) Para Calvino, o Reino de Cristo não pode ser limitado por um período de mil anos;
- b) O Reino de Cristo não pode ser político e circunscrito ao governo teocrático de Deus sobre Israel;

c) Após a Sua Segunda Vinda terá não o seu começo, mas a sua consumação; o que acontecerá não na terra, mas no Céu.³²

2.2 - O TESTEMUNHO DOS SÍMBOLOS DE FÉ.

Os símbolos de fé da Igreja Presbiteriana do Brasil são a Confissão de fé de Westminster e os Catecismos maior e menor. Destes, os dois primeiros trazem a escatologia calvinista que coaduna com as Sagradas Escrituras. A síntese de suas afirmações em relação aos eventos escatológicos está colocada como segue abaixo:

- 1) No último dia haverá a ressurreição geral dos mortos, (sem intervalo de tempo) de justos e injustos;
- 2) Todos os que estiverem vivos nesta ocasião serão transformados;
- 3) Imediatamente depois da ressurreição geral ocorrerá o julgamento final de todas as pessoas - justos e injustos -, bem como de anjos;
- 4) A Segunda Vinda de Cristo só ocorrerá no **"último dia"**, no **"fim do mundo"**, quando Ele vier para julgar a terra.
- 5) A data (dia e hora) quando esses eventos acontecerão, ninguém sabe. Deus reservou para si este direito e ninguém senão o Pai conhece a respeito daquele dia³³.

³² Idem, Lv II, cap. XV, 3.

³³ Confissão de fé de Westminster, Cap. XXXII e XXXIII, e Catecismo Maior, perguntas 87-89.

Todas as afirmações de nossos símbolos de fé supra citadas são contrárias aos postulados da TUG, que asseveram haver duas voltas de Cristo, três ressurreições distintas quanto ao tempo, e um período milenar pós-parússia, etc.

Portanto, podemos concluir que tanto **Calvino**, como os **símbolos de fé** da Igreja Presbiteriana do Brasil não apoiam, nem referendam os ensinoss errôneos da TUG. Esta, não somente é calcada em um matiz arminiano, como também distorce as verdades centrais da Bíblia, o que veremos mais adiante.

3. A BASE ESCRITURÍSTICA DA ESCATOLOGIA REFORMADA.

Enquanto a TUG se fundamenta em uma ou duas passagens, e estas geralmente obscuras, a escatologia reformada está baseada em inúmeras passagens claras que refletem o ensinamento de toda a Escritura. Destarte, o testemunho das Escrituras é exatamente como se segue abaixo:

3.1 – A SEGUNDA VINDA DE CRISTO SERÁ UM EVENTO ÚNICO.

A Palavra de Cristo mostra que Sua Segunda Vinda será um evento único. Todos os textos que fazem referência ao retorno de Cristo, só falam de uma única volta, a qual aparece – em essência – com as mesmas características e com os mesmos acontecimentos.

A TUG, usando erroneamente o texto de 1^a Ts 4:17, tenta mostrar que Cristo voltará duas vezes ou em duas etapas distintas (uma vinda nas nuvens a qual será só para os crentes e outra para implantar o seu reino milenar e, após esse, julgar os ímpios).

Contudo, não é assim que a Palavra de Deus testemunha. Todas as passagens que falam da volta de Cristo apontam para um único evento que: 1) será **“nas nuvens”** (veja Mt 24:29–31, Ap 1:7; 2) **será visível à toda humanidade** (veja Mt 24:30; Ap

1:7); 3) **será para julgar a toda humanidade** (Mt 24:30; 25:31,32; 1ª Ts 5:1-3; 2ª Ts 1:7-9; Ap 1:7); 4) **será para sua glória nos seus santos** (2ª Ts 1:10).

3.2 - A SEGUNDA VINDA DE CRISTO SERÁ VISÍVEL.

A Palavra de Deus mostra claramente que a volta de Cristo à terra (que é um evento único), será um acontecimento visível e tangente à toda humanidade.

Em Mateus 24:30 está escrito que "...aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; **todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória**".

Devemos observar algumas coisas importantes nesta passagem:

- a) Jesus não será visto apenas pela a igreja como ensinam os dispensacionalistas e a TUG, mas será visto por toda a humanidade;
- b) Em Sua Segunda Vinda, a qual é visível a todos, todos os povos "se lamentarão". Isto mostra que toda humanidade tomará consciência deste fato último da história e de suas implicativas.

No texto de Apocalipse 1:7, fica claro esta realidade:
"Eis que Ele vem sobre as nuvens, todo olho o verá, até

quantos o traspassaram. E toda as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém".

3.3 - A SEGUNDA VINDA TRARÁ O FIM DA HISTORIA HUMANA.

O que se apreende do texto de Mateus 25:31-46, é que o retorno de Cristo à terra causa um cerceamento na história humana, interrompendo inexoravelmente toda vida na terra. Desta forma, a Volta de Cristo é o **ponto ômega**, no que tange à existência humana nesta presente ordem.

3.4 - NA SEGUNDA VINDA DE CRISTO TERMINA A OPORTUNIDADE DE SALVAÇÃO.

Na segunda epístola aos Tessalonicenses 1:3-12, Paulo nos mostra que quando Jesus voltar, todos os que, até este momento, não se decidiram por Jesus, serão lançados no fogo do inferno (8-9). Não haverá chance, nem oportunidade de arrependimento; pois o Senhor vem trazendo vingança **contra "aqueles que não obedecem ao evangelho de Cristo"**.

3.5 - A RESSURREIÇÃO, DOS JUSTOS E DOS ÍMPIOS, É UM EVENTO ÚNICO.

Em João 5:27-29, lemos que tanto os justos quanto os ímpios ressuscitarão no mesmo dia, sem intervalo de tempo; sendo que, os justos para a vida e os ímpios para a morte.

Da mesma forma, Em Daniel 12:2, nos é dito que tanto salvos quanto condenados ressuscitarão no mesmo momento.

Apocalipse 1:7, nos diz (nas entrelinhas) que os ímpios ressuscitarão junto com os salvos. A expressão: “até quanto o traspassaram”, mostra que até os que mataram Jesus verão o Seu regresso nas nuvens.

3.6 - A RESSURREIÇÃO, TANTO DE JUSTOS QUANTO DE ÍMPIOS, ACONTECERÁ NO ÚLTIMO DIA.

Na primeira carta aos Coríntios 15:23-24, se diz que após a ressurreição dos mortos se dará o fim de todas as coisas; sendo a ressurreição o ato último da história humana.

Embora o apóstolo não faça referência direta aos ímpios neste texto, fica implícito a participação destes neste evento último. A frase “assim também ‘**todos**’ serão vivificados em Cristo” deixa claro esta leitura.

É claro que o adjetivo **vivificados** não se refere a uma experiência mística tardia reservada aos salvos. Antes é uma forma sinônima de Paulo se referir à ressurreição

escatológica dos mortos. Desta forma, podemos substituir uma pela outra sem prejuízo ao pensamento do autor.

3.7 - O JULGAMENTO DOS HOMENS SERÁ UM EVENTO ÚNICO.

Todos os textos que fazem referência ao Juízo escatológico apontam para um evento único, o qual será pronunciado sobre a humanidade no último dia.

Em Mateus 25:31-43, toda humanidade, dividida em dois grupos - os salvos e perdidos - será citada e tomará lugar diante do Tribunal de Cristo.

Na primeira carta de Paulo aos Coríntios 4:5, tanto os filhos das trevas, quanto os salvos serão manifestos diante do Tribunal de Cristo para receber de Deus o galardão ou a reprimenda.

4. HERMENÊUTICA REFORMADA

Todo o problema que envolve, não só a TUG, como também o pré-milenismo-dispensacionalista tem resposta na sua deficiência hermenêutica, a qual pode ser classificada como um misto de **hermenêutica alegórica e hermenêutica literalista**.

Assim sendo, antes de apresentarmos o **método reformado** de interpretação, se faz necessário uma breve investigação histórica da hermenêutica para que possamos chegar a uma compreensão mais acendrada da hermenêutica da TUG, a qual está pejada de falácias.

4.1 - HISTÓRIA DA HERMENÊUTICA

Como toda ciência, a hermenêutica contemporânea - disciplina que estuda e sistematiza princípios e técnicas destinados à compreensão de texto³⁴ - é um resultado de um longo processo de aperfeiçoamentos obtidos em diferentes momentos da história humana.

Desta forma, podemos dizer que a hermenêutica passou por vários e distintos períodos, nos quais a igreja adotou diferentes ênfases, tendências, princípios e práticas de interpretação das sagradas Escrituras. Destes períodos

³⁴ ANGLADA, Paulo R. B. *ORARET ET LABUTARE: A Hermenêutica Reformada Das Escrituras*. pp. 104.

surgiram várias correntes de interpretação, dentro das quais os diversos grupos se encaixam. Portanto, se faz necessário uma análise destas correntes (embora que superficial), as quais diferem **em método** da hermenêutica reformada.

4.1.1 - CORRENTE ALEGÓRICA

Trata-se de um dos mais antigos métodos de interpretação de que se tem conhecimento;³⁵ e que veio a dominar a igreja nos séculos que sucederam à era apostólica.

Os defensores deste método, fortemente influenciados pelo platonismo e pelo alegorismo rabínico, diziam que **o verdadeiro sentido jazia sob o significado literal da Escritura**. Ou seja, para estes, as Escrituras “ocultavam seu verdadeiro significado com o propósito de que nos tornássemos inquiridores”³⁶.

Clemente de Alexandria (150-215), exegeta patrístico de renome, desenvolveu a teoria de que qualquer texto das Escrituras apresenta cinco sentidos: 1) histórico, 2) doutrinário, 3) profético, 4) filosófico, e 5) místico.

Orígenes (185-254), outro expoente desta corrente, cria ser as Escrituras uma vasta alegoria, na qual cada detalhe é simbólico, e dava bastante importância à 1ª aos Coríntios 2:6-7 (“falamos a sabedoria de Deus em mistério”). Distinguia

³⁵Idem, pp. 109

³⁶VIRKLER, Henry, A. *Hermenêutica – Princípios e Processos e Interpretação Bíblica*. pp. 44

três níveis de sentidos, baseados na suposta tricotomia humana - corpo, alma e espírito: 1) o literal, ao nível do corpo, 2) o moral, ao nível da alma, e 3) o alegórico, ao nível do Espírito. Na verdade, Orígenes preteriu o sentido literal, poucas vezes mencionou o sentido moral e empregou constantemente a alegoria.³⁷

Agostinho (354-430), em muito suplantou aos seus predecessores. Em seu livro sobre doutrina Cristã, ele criou um sistema hermenêutico. Segundo seu método, todas as passagens das Escrituras teriam quatro sentidos: 1) *sentido literal*, que diz respeito ao fato; 2) o *sentido ético*, que diz respeito à conduta; 3) o *sentido analógico*, que diz respeito à fé; 4) o *sentido anagógico*, que diz respeito à escatologia.

A hermenêutica alegórica prevaleceu durante toda a idade média, sendo um período de trevas e ignorância. A Reforma, patrocinada por Lutero, e principalmente por Calvino, pôs uma “pá de cal” neste sistema errático.

4.1.2 - CORRENTE ESPIRITUALISTA

Esta corrente de interpretação tem seu nascedouro no movimento pietista, o qual surgiu como reação ao

³⁷ Anglada, pp. 109.

confessionalismo dogmático do Pós-reforma que se caracterizou por uma exegese moldada pelos credos.

O pietismo, no seu início, fez significativas contribuições ao estudo da Escritura. Em seus momentos mais sublimes, os pietistas movidos por um profundo desejo de entender e praticar a Palavra de Deus primaram pela excelência da interpretação histórico-gramatical.

Todavia, muitos pietistas mais recentes abandonaram o método Histórico-gramatical, e passaram a se guiar por uma “luz interior” ou uma “unção especial”. Destes métodos intuitivos, resultaram interpretações contraditórias e de pouca relação com o real significado do texto.

4.1.3 - CORRENTE LIBERAL

O racionalismo filosófico de mãos dadas com o empirismo do século XVIII, lançou a base do liberalismo teológico do século XIX.

Até o século XIX, a Revelação reinou soberanamente sobre a razão, como autoridade que determinava o que se devia pensar ou crer. Mas a partir deste século, a razão passou a ter preeminência sobre a revelação.

O liberalismo negava o caráter sobrenatural da inspiração, e sustentava que várias partes das Escrituras continham erros (principalmente os detalhes históricos).

Todas as doutrinas que não estivessem conforme a "mentalidade instruída" pela razão deveriam ser rejeitadas. Isto incluía doutrinas como a depravação humana, o inferno, o nascimento virginal. Os milagres eram explicados como sendo produto da mentalidade do homem pré-crítico.

Embora a neo-ortodoxia tenha surgido como uma tentativa de romper com o liberalismo do século XIX, em muitos aspectos foi uma continuação desta corrente. Os teólogos neo-ortodoxos negam a inerrância e a infalibilidade da Bíblia, e interpretam a criação do universo, a criação do homem e sua queda, a ressurreição de Cristo e Sua Segunda Vinda como mitos bíblicos que visam a apresentar verdades teológicas.

Após a Segunda Guerra Mundial, surge na Europa uma nova escola liberal chamada a "Nova Hermenêutica". Esta escola surgiu basicamente da obra de Rudolf Bultmann e foi levada adiante por Ernst Fuchs e Gerhard Ebeling.

Para o Bultmanismo o Novo Testamento deveria ser compreendido em termos existenciais pela "demitização", ou seja, pela destruição de elementos míticos – tais como os milagres, entre os quais a ressurreição de Cristo – que, para eles, são inaceitáveis para a mente do homem moderno.

4.1.4 – CORRENTE LITERALISTA

O literalismo (século XIX e XX) foi o método criado pelo movimento dispensacionalista, que surgiu quando a alta Crítica estava em desenvolvimento.³⁸ Enquanto este último método negava a literalidade de todos os eventos sobrenaturais bíblicos, os dispensacionalistas tentavam tomar a Escritura tão literalmente quanto possível. Para estes, “não-literal” veio a ser identificado com “liberal”.

Segundo esta corrente **“a Escritura deve ser entendida literalmente sempre que não resulta daí uma situação lúdica”**.³⁹ Um lema dispensacionalista é: “quando o sentido óbvio faz bom sentido, não procure outro sentido”.

Um bom exemplo da hermenêutica literalista-dispensacionalista, é quando se interpreta referências bíblicas a Israel. Para estes, o termo “Israel” quando aparece na Bíblia sempre se refere à nação de Israel ou o Israel étnico, cuja descendência remonta ao patriarca Jacó.

O mesmo critério é usado na interpretação dos escritos proféticos. Toda profecia (segundo este sistema) se cumprirá literalmente em todos os seus detalhes.

³⁸ ERICKSON, Millard J. *UM ESTUDO DO MILÊNIO – Opções Contemporâneas na Escatologia*. pp. 96

³⁹ *Idem*.

4.2 – HERMENÊUTICA REFORMADA

Tendo como berço a Renascença, a qual primava pelo estudo dos textos em sua língua original, a Reforma marcou um novo momento na história da Ciência hermenêutica.

Várias obras literárias que influenciaram os paladinos da Reforma Protestante surgiram neste período. Desidério Erasmo, publicou em 1516 a primeira edição Crítica do Novo Testamento Grego, e Johannes Reuchlin fez diversas obras sobre a gramática e léxicos hebraicos. Em pouco tempo, o sentido quádruplo do método alegórico foi substituído pelo princípio reformado de que um texto tem apenas um sentido.⁴⁰

Lutero e Calvino foram os grandes exegetas que revolucionaram a hermenêutica sagrada; sendo que o último em muito passou o primeiro - em grandeza literária e influência.

Lutero (1483-1546) rejeitou e denunciou o método alegórico de interpretação da Escritura, chamando-o de “sujeira”, “escória”.⁴¹ E ainda dizia: “que até a imundícia vale mais que a alegoria de Orígenes”.⁴²

De acordo com Lutero, o interprete deveria considerar em sua exegese as condições históricas, a gramática e o contexto.⁴³ Ele disse que “as Escrituras devem ser mantidas em

⁴⁰ Virkler, pp. 48

⁴¹ Idem.

⁴² ZUCK, Roy B. *A Interpretação Bíblica: Meios de Descobrir a Verdade da Bíblia*. pp.52

⁴³ Virkler, pp.48.

seu significado mais simples possível e entendidas de acordo com seu sentido gramatical e literal”.⁴⁴

Em referência às passagens mais obscuras, Lutero adverte que estas devem ser entendidas por aquelas de sentido mais claro.⁴⁵

Calvino (1509-1564), por sua vez, é chamado de “um dos maiores intérpretes da Bíblia”.⁴⁶ Segundo ele, “a interpretação alegórica era uma artimanha de Satanás para obscurecer o sentido da Escritura”.⁴⁷ Seu método consistia no estudo do contexto, da gramática, das palavras, e de passagens paralelas (método gramático-histórico).

Para Calvino, “a *Escritura interpretava a própria Escritura*”, e segundo ele, “**a primeira tarefa de um intérprete é deixar que o autor diga o que ele de fato diz, em vez de atribuir-lhe o que pensa que ele deva dizer**”.⁴⁸

Vale dizer que Calvino, embora sendo grande opositor do método alegórico, combateu com igual veemência a interpretação literalista - “ao pé da letra”, aplicada aos textos das Escrituras. Em sua refutação à heresia romana da transubstanciação, condenou o uso do literalismo como ferramenta hermenêutica para se alcançar a compreensão dos

⁴⁴ Zuck, pp. 52

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Idem, pp. 54

⁴⁷ Virkler, pp. 49

⁴⁸ Idem.

textos envolvidos, e desafiou aos seus oponentes, a procederem uma análise mais acurada do contexto.⁴⁹

Outros, depois de Calvino, deram considerável contribuição para a consolidação da hermenêutica reformada, tais como Ulrich Zuínglio (1484-1531); Willian Tyndale (1494-1536); Francisco Turretin (1623-1687), e Jean-Alphonse Torretin (1648-1737).

Podemos, portanto, resumir a hermenêutica reformada com os seguintes princípios:

- 1) A única regra de fé infalível de interpretação é a própria Escritura. Ou seja, quando houver dúvida sobre o sentido de qualquer texto da Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto deve ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente;⁵⁰
- 2) O texto não pode ser estudado isoladamente, mas dentro do seu contexto bíblico geral;
- 3) Se o texto for obscuro, não deve ser usado como matéria de fé;
- 4) Toda alegorização deve ser rejeitada como método de interpretação das Escrituras, exceto em caso que o próprio autor afirma se tratar de uma alegoria (Gl 4:24-26);
- 5) Toda interpretação deve ser dada levando-se em consideração o **contexto histórico** (a situação para a qual

⁴⁹ CALVINO, Lv. IV, Cap. XVII, 20

⁵⁰ Angllada, pp.117

o autor está falando); a **análise literária** (a natureza, a redação e a estrutura do texto); a **análise canônica** (citações interbíblicas e comparação canônica) e o **propósito do autor** no contexto da obra.

6) Toda abordagem literal (literalismo) que não se justificar pelo contexto deve ser rejeitada;

7) Nenhuma interpretação deve ser tida como legítima se coloca a Escritura em contradição com a própria Escritura.

Finalmente, ANGLADA, em seu artigo retro-citado define a hermenêutica reformada como “um método fundamentado em pressuposições bíblicas quanto à própria natureza das Escrituras, que emprega princípios e métodos lingüísticos e históricos coerentes com o caráter divino-humano da Palavra de Deus”.⁵¹

Podemos depreender deste pequeno histórico da ciência hermenêutica duas verdades: **primeiro**, o método hermenêutico reformado, dentre todos, é o único sistema de interpretação profundo, lúcido, equilibrado e coerente com a natureza humano-divina das Escrituras; e **em segundo**, a hermenêutica dispensacionalista da TUG, é alegórico-literalista e, em muitos casos, filha do liberalismo e do existencialismo

⁵¹ Idem, pp. 116

Bultmaniano. Fatos que buscaremos provar no próximo e último capítulo desta obra.

5. REFUTAÇÃO AOS POSTULADOS DA TUG⁵²

Neste último capítulo, temos a intenção de refutar o ensino falacioso da TUG, não só usando como ferramenta a hermenêutica reformada, mas também trazendo à luz a hermenêutica medieval que está por trás de todas as suas asseverações obtusas.

5.1 – A RESTAURAÇÃO DO ISRAEL PÓS-GUERRA

No capítulo primeiro, página 11, de seu livro retro-citado⁵³, LOPES faz uso de Ez 36:24; 37:21; Is 66:8, relacionando-os como um evento (o retorno dos judeus à Palestina no ano de 1948) que precederia à Volta iminente do Senhor Jesus.

Fica claro (não precisando fazer nenhuma ginástica hermenêutica), que o uso desta profecia em relação à volta de Cristo é um erro crasso de anacronismo histórico. O regresso a que os autores se referem, diz respeito não ao retorno dos Judeus à Palestina após a 2ª Guerra (1948), mas à volta de Judá do cativo babilônico.

Analisando primeiramente as duas referências do profeta Ezequiel (36:24; 37:21) podemos ver, com um mínimo de esforço, que esta promessa **de "trazer-lhes de volta de entre**

⁵² Serão apresentadas apenas as heresias ainda não refutadas nesta obra.

⁵³ Todas as falácias refutadas estão presentes no livro de Lopes, *Op. Cit.*

as nações” já tinha sido feita (usando as mesmas figuras) no capítulo 11:14-25 de Ezequiel; onde nos é informado que estes, a quem fora feita esta promessa, são os judeus que foram levados cativos para a Caldéia (Babilônia, v. 24-25).

Esta é a mesma conclusão a que podemos chegar quando empregamos o método hermenêutico Reformado na passagem de Isaías 66:8. O que ali é interpretado (pela TUG) anacronicamente como sendo uma referência da formação do estado judeu em 1948, nada mais vem a ser do que uma descrição metafórica do retorno de Israel do cativeiro babilônico (cf. 43:14-41; 51:11-17; 52:1-12; 54:1-17; 60:1-22; 62:1-12).

Vale ressaltar que no capítulo 54: 1-17 Isaías usa a figura de uma mulher dando à luz a muitos filhos para simbolizar o regresso do cativeiro babilônico e a restauração da nação judaica, o que acontece também no capítulo 66:8.

O erro de interpretação destas passagens por parte da TUG se deve não só por se transgredir os princípios básicos da hermenêutica reformada de número 2 e 5, que em súmula, diz que **nenhum texto pode ser interpretado isoladamente, fora do seu contexto bíblico e Histórico**, como também pelo fato dela fazer uso do método **alegórico medieval**.

5.2 – A PRETENZA PROFECIA DA FIGUEIRA

LOPES toma a passagem de Mateus 24:32-35, como texto-prova para estabelecer uma época para a Volta de Cristo. Segundo ele, **a parábola da Figueira** é uma referência ao ressurgimento de Israel como nação ocorrido no dia 14 de maio de 1948, e um sinal deixado por Cristo, o qual determinaria a geração que veria a Sua Volta.

Ao tomar esse suposto sinal como referência, LOPES diz:

Naquela data (1948) teve início a última Geração; geração que terminará no ano 2018. Nós fazemos parte desta geração.

E ainda:

a geração que presenciar o cumprimento destes sinais será, sem dúvida, a última geração que precede a volta de Cristo. É excitante notar que essa geração é a nossa.⁵⁴

Além de ser uma heresia tentar se *determinar* uma data ou época para a volta de Cristo (haja vista, o que Cristo diz em Atos 1:7), o autor padece da **hermenêutica alegórica**. Com uma análise um pouco mais acurada da passagem pode-se facilmente provar a sua falácia hermenêutica.

⁵⁴ LOPES, pp. 13

O contexto em que está inserida a parábola da figueira é o discurso profético de Jesus que começa no versículo 3 e se estende até o capítulo 25:46. Este discurso foi proferido por Jesus visando responder às duas perguntas dos seus discípulos (24:3): 1) **Quando sucederão estas coisas** (a destruição do templo e da cidade de Jerusalém, v.2); e 2) **que sinal haverá de sua vinda e da consumação dos séculos.**

Portanto, o que se segue a partir do versículo 4 até o versículo 31, é a resposta escatológica de Jesus às duas indagações de seus discípulos, na qual ele apresenta “as cousas que haveriam de acontecer” **antes** e **durante** a destruição de Jerusalém (4-20), e **antes** e **durante** a Sua Segunda Vinda (21-31). Então, Ele conclui esta primeira parte do discurso com a parábola da figueira.

E qual seria a relação desta parábola com os eventos históricos anteriormente preditos? É bem simples! Ou seja, da mesma forma que a figueira quando começa a brotar as suas folhas, é o prenúncio da chegada do verão, assim também estes acontecimentos serão prenúncio da chegada de Cristo.

Desta forma, quando no versículo 33, Jesus faz referência à “**todas estas cousas**”, não está se referindo ao reflorecimento da figueira (o que a TUG interpreta erroneamente relacionando-o à volta dos judeus em 1948 para a Palestina), antes está a aludir, tão somente, à destruição de

Jerusalém e a Grande Tribulação que acometerá a Igreja de Cristo antes de Sua Vinda (acontecimentos que foram proferidos anterior à parábola e que prenunciarão a Volta de Cristo - assim como os brotos da figueira anunciam a chegada do verão).

Disso concluímos que a interpretação da TUG de que a parábola da figueira seja uma representação do renascimento político do Israel pós-guerra é completamente arbitrária, alegórica e descontextualizada. Haja vista, que dá à parábola um sentido “oculto” e cabalístico que Jesus não tentou dar.

5.3 - A SITUAÇÃO MORAL E ESPIRITUAL NA VOLTA DE CRISTO

Quando interpretam os dias que antecedem à volta de Cristo descritos em Mt 24:37-39, novamente cometem o erro da interpretação arbitrária que não condiz com a intenção do autor.

Segundo estes, Cristo ao fazer uma analogia entre os dias de Noé e os dias que antecedem à Sua volta, está estabelecendo uma comparação da situação moral e espiritual entre estas duas gerações. De tal forma que, a época em que se dará a Segunda Vinda de Cristo terá as mesmas características da época de Noé.

Não precisamos ir muito longe para identificarmos o erro cometido. Segundo o versículo 39, (aqui está a intenção de

Jesus em traçar a analogia entre as duas gerações), os dias da Volta de Cristo se assemelharão aos dias de Noé porque aquela geração, como esta não se aperceberão da volta de Cristo - serão pegos de surpresa como os contemporâneos de Noé.⁵⁵

5.4 – OS JUDEUS CONTINUAM SENDO O POVO DE DEUS

No capítulo quinto, LOPES tenta mostrar que os judeus continuam sendo o povo escolhido de Deus, mesmo depois que rejeitaram o evangelho de Jesus Cristo.

Está claro no Novo testamento que os judeus depois que rejeitaram a Cristo como o Messias, deixaram de ser o povo de Deus. A partir de então, a igreja tomou o lugar do Israel político tornando-se o único povo que Deus tem na face da terra.

Paulo mostra em Rm 9:6-10, que os verdadeiros israelitas não são mais os judeus que descendem de Abraão, mas somente aqueles que **são filhos da promessa** (isto é, os que crêem na promessa do Messias que viria de Isaque. cf. Gl 3:16). Em Gl 3:7, Paulo ainda diz que **“os filhos da fé que são os filhos de Abraão”**. E no capítulo 6:16, ele chama a igreja de Cristo de **“o Israel de Deus”**.⁵⁶

⁵⁵ Idem, pp.25, 26,27 – a mesma interpretação se deve dar ao texto de Lucas 17:28-29, para a geração de Ló.

⁵⁶ A questão da interpretação do “kai” deve ser decidida pelo contexto da carta. E segundo o contexto da carta, Paulo considerava a igreja como o verdadeiro Israel de Deus (cf. 3:7). Portanto, o “kai” deve ser

Enquanto a TUG tenta fazer forçosamente distinção quanto a salvação entre **judeus** e **gentios**, dizendo que Deus não trata com a igreja e Israel no mesmo período⁵⁷, Paulo, ao contrário, mostra que de ambos os povos – inimigos por natureza, Deus fez um só povo que agora passa ser a **Família de Deus** na terra; isto é a igreja (Ef 2:11-22), na qual não há mais **judeu** ou **grego**. É por isso que em Rm 10:12, Paulo diz não haver diferença entre judeu e grego (gentio), “uma vez que o mesmo é o Senhor de todos...”. E, finalmente, em Gl 3:14, Paulo nos mostra que considerava a igreja (e não o Israel político) como a legítima herdeira das promessas feitas a Abraão⁵⁸.

5.5 – TEORIA DO DUPLO EVANGELHO

No capítulo sétimo, página 45, LOPES, seguindo a hermenêutica arbitrária do dispensacionalismo, diz que Cristo

traduzido por “isto é” ou “a saber” como acontece em outras passagens, conforme o léxico do NT

Grego/Português de F. Wilbur Gingrich & Frederick W. Danker.pp. 106.

⁵⁷ Segundo Lopes, Deus não ira “tratar com a igreja e Israel no mesmo período. Israel é distinto da igreja”. pp. 60

⁵⁸ Embora que, em Rm 11:25, Paulo faça uma promessa de salvação aos judeus, isto não diz respeito ao Israel político, mas apenas a uns poucos *remanescentes eleitos* que Deus tem entre os judeus, como o tem entre todas as nações (cf. Berkof, *Op. Cit.* pp. 705). Isto pode ser asseverado pelo contexto no qual nos é dito que: **a)** existe um **resto** dentre o povo judeu que são os **escolhidos** segundo a eleição da Graça; **b)** Paulo não tinha nenhuma expectativa quanto à salvação da maioria dos judeus. No capítulo 9:27, se referindo aos que iam ser salvos entre os judeus, cita Isaias: “ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo”; **c)** a expressão “**em parte**” ou “**uma parte de**” (v.25) não só delimita o número dos eleitos que Deus tem no meio dos judeus, como também nos remete ao versículo 7, no qual está dito que os que não foram **predestinados** à salvação dentre o povo judeu foram endurecidos; e isto, segundo o v. 10, **para sempre**. **d)** o fato de Paulo afirmar que todo Israel será salvo, isto não significa a nação de Israel em sua totalidade, nem em sua maioria, mas simplesmente o Israel Espiritual, que é composto pelo número total dos eleitos ou predestinados à salvação (o remanescente).

pregava o **Evangelho do reino**, e que Paulo pregava outro Evangelho que ele chamava de **Evangelho da graça**, o qual era diferente do primeiro⁵⁹. Contudo, essa distinção entre um “duplo Evangelho” é insustentável.

Em nenhum lugar da Bíblia essa diferença é encontrada. Todas as passagens que fazem referência ao Evangelho, apontam para a **unicidade do Evangelho de Cristo**; isto é, o Evangelho da graça de Deus em Jesus Cristo é o único Evangelho pregado tanto por Jesus como pelos os Apóstolos. A pluralidade de termos que a Palavra de Deus usa para designar o Evangelho, em nada muda o teor de sua mensagem; sendo antes, sinônimos que descrevem uma mesma verdade.

A leitura paralela de passagens como Mt 4:12-17 (Evangelho do reino) e Mc 1:14-15 (Evangelho de Deus), nos mostram que embora estejam usando termos diferentes, falam de um único evangelho.

Em Atos 20:24,25, Paulo em seu discurso para o presbitério, diz ser pregador tanto do **evangelho da graça** quanto do **evangelho Reino**. E em Rm 15:16,19, ele usa no mesmo texto as expressões **evangelho de Deus** e **evangelho de Cristo**, sem diferenciá-las. E por último, Paulo exorta a igreja da Galácia para que permanecesse no seu evangelho, que ele o

⁵⁹ Quando LOPES diz que Cristo pregava o evangelho do reino, e não o evangelho da graça, ele está afirmando haver uma diferença entre ambos.

tinha recebido do próprio Jesus. Portanto não havia outro evangelho além daquele que eles haviam recebido dele.

Com base nestes textos podemos afirmar que, à luz de uma análise séria dos textos neotestamentários, a teoria do duplo evangelho da TUG é completamente errônea e carente de reavaliações hermenêuticas.

5.6 - A IGREJA NÃO PASSARÁ PELA TRIBULAÇÃO

Segundo LOPES⁶⁰, a igreja não irá passar pela Grande Tribulação que antecede a volta de Cristo. Fazendo uso equivocado de algumas passagens, tenta provar que nós estamos isentos da tribulação dos últimos dias.

Novamente erra o escritor em sua hermenêutica bíblica. Primeiramente porque esta é uma verdade cristalina nas páginas dos escritos do Novo Testamento.

Jesus sempre fez questão de mostrar esta realidade do evangelho. Em Jo 16:33 Ele nos disse: “no mundo passais por aflições (no grego *thlipsis* - Tribulação); e ainda no seu sermão profético, faz questão de mostrar que a sua igreja passará pela última e grande tribulação que virá sobre o povo de Deus, a qual será cerceada pela sua volta (Mt 24:21-29)⁶¹.

⁶⁰ Capítulo 10

⁶¹ É importante lembrar que os escolhidos diz respeito não à nação judaica como quer a TUG, mas à igreja de Cristo espalhada nos quatro cantos da terra (v.31). Os eleitos que serão perseguidos por falsos profetas e

Da mesma forma, o apóstolo Paulo, fala da Grande Tribulação que irá acometer a igreja nos dias que antecederam a volta de Cristo. Em 2ª Ts 1:7 ele diz: "e a vós outros que sois atribulados, alívio juntamente conosco, **quando** do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder". *E ainda no capítulo 2:3, declara: "Ninguém de modo nenhum vos engane, porque isto (a volta de Cristo) não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição"*. E lembra a Timóteo o fato de que tempos difíceis (para a Igreja) sobrevirão nos últimos dias (1ª Tm 4:1,2; 2ª Tm 3:1-5). E, finalmente, em Ap 7:13,14 nos é dito que os crentes no céu saíram da Grande Tribulação.

5.7 - AS SETENTA SEMANAS DE DANIEL

No capítulo 10, página 1, LOPES dá uma interpretação para a profecia das 70 semanas de Daniel que não só é incongruente com o contexto histórico, mas também traz um problema soteriológico.

Segundo o autor, a septuagésima semana de Daniel refere-se ao período da **Grande tribulação** dos últimos dias. O que causa uma situação insustentável, pois é na última semana

falsos cristos são discípulos de Jesus. As advertências são feitas sempre na 2ª pessoa do plural (vós, vos). O que significa que Jesus delimita os seus discípulos (Igreja) como sendo os eleitos que sofrerão na Grande Tribulação. Logo, a tribulação não vai ajudar quem é ímpio a se tornar um crente (como diz a TUG, que a tribulação vai fazer os Judeus aceitarem a Cristo); antes ela tem como propósito levar os discípulos de Cristo à apostasia.

descrita na profecia que o Messias morre. Logo, se esta interpretação insipiente da TUG fosse verdadeira, o Salvador ainda não teria morrido e nós ainda estávamos perdidos em nossos pecados.

Stuart dá uma interpretação consistente e coerente com a hermenêutica reformada. Segundo sua interpretação a profecia traz as seguintes revelações: **a)** v.24, as setentas semanas abrange o período que vai da ordem de Artaxerxes (458 A.C.) para a restauração de Jerusalém até a morte de Cristo; **b)** o primeiro período de 7 semanas (49 anos - tomando como referência o ano de 458 A.C.), descritos no v. 25a como o tempo para a restauração da cidade, se cumpriu sob o ministério de Esdras e Neemias; **c)** o segundo período de sessenta e duas semanas (434 anos) é o período de tempo até ministério de Cristo ($49+434+ 3 \text{ e } \frac{1}{2} = 486,5$ ou $487-458= 29$ ou 30 anos - idade quando Cristo começou o seu ministério; **d)** e o último período, ($3 \frac{1}{2}$ anos é o tempo da morte de Cristo e da determinação da destruição de Jerusalém (v 26, 27). A somatória destes períodos, tomando por base o ano de 458 A.C (data estabelecida na profecia), até a morte de Cristo, dá o número de 490 anos; número de anos equivalente a 70 semanas de anos.⁶²

⁶² STUART Olyott. *OUSE SER FIRME – O Livro de Daniel, Histórias e Profecias*. pp.140.

5.8 – ARREBATAMENTO

Outro ensino pejado de erros encontrado na obra de LOPES, e que precisa ser refutado, é o que ele chama de **arrebatamento**. Segundo a sua visão, Jesus vem e busca somente sua igreja, e deixa o restante da humanidade aqui na terra para sofrer a Grande Tribulação. Os textos tomados por base são Mt 24:40,41 (e paralelo); 1^a Ts 4:17.

Repete-se a mesma história. O autor padece de uma hermenêutica falaciosa incongruente com o contexto literário e com a análise gramatical das passagens. O conjunto das quatro parábolas sobre a volta de Cristo em Mateus tem como ênfase não **o modo** como seremos levados para o céu (a ênfase sustentada pela TUG), mas a necessidade de estarmos vigiando e sempre preparados para o encontro com o Senhor Jesus.

Na parábola do **campo** e do **moinho** (Mt 24:41-44), a ênfase repousa na necessidade de vigilância para o retorno de Cristo – o qual será para ajustar contas com os seus servos – **“Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor”**. Logo, o foco do ensino não está no fato de um ser levado e o outro continuar na terra, mas no fato de **um estar preparado e vigiando para a volta de Jesus** (mesmo em meio aos labores desta vida) e o **outro não**.

Isto é atestado pela análise semântica dos verbos empregados nessa parábola. O verbo grego **“paralambáno”** que é

traduzido na passagem por **tomar**, não tem essa *idéia de movimento, de mudança de local* (levar para cima – a qual está contida no verbo **ekballo**), mas uma *idéia de mudança de status*⁶³ – literalmente **receber ao lado**.⁶⁴ Portanto, a *idéia* que o texto nos passa não é de uma retirada, mas de uma **separação** (bodes das ovelhas); *Jesus recebe em seu lado os eleitos*, e “*deixa*” (*afíemi* – abandona) do outro lado os ímpios.

Esta interpretação nos é confirmada pelo contexto nas demais parábolas.

Nas três parábolas que se seguem e que antecedem ao Grande Juízo, a ênfase da vigilância permanece. Na parábola do **servo bom e do mau** (v.45-51) nos é dito que o Senhor daquele servo **vem em dia e hora que ele não sabe**; e em decorrência disso **é lançado no inferno**. Na parábola das **dez virgens** a tônica continua: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora”. E na parábola dos **talentos**, embora não faça referência à necessidade de vigilância, isto está bem implícito nas palavras de reprimenda e juízo contra aquele servo negligente que não **atentou para a volta de seu Senhor**.

Com estas quatro parábolas, Jesus prepara o cenário para o ensino a respeito do juízo final(25:31-46), no qual está

⁶³ O justo é tirado do status de réu (o qual pertence ao ímpio) e colocado na posição de justificado (ao lado de Jesus).

⁶⁴ GINGRICH F. W. & DANKER F. W. pp. 157

dito que o Senhor vai separar os bodes das ovelhas. Isto ratifica todo o pensamento que fora construído nas quatro histórias - *Jesus vem, tira os seus servos do meio dos ímpios e presta contas com estes, lançando-os no inferno.*

O texto de 1^a Tessalonicenses 4:17, é a única passagem que usa o verbo **arpádzō** ("arrebatar", "roubar", "apoderar" "levar"), para representar o encontro da igreja com Cristo. Neste sentido, Paulo fala: "**nós seremos levados juntamente com eles em nuvens para o encontro com o Senhor nos ares**".

Entretanto, esse **arrebatamento bíblico** nada tem haver com o a teoria do arrebatamento preconizado pela TUG. Em 1^a Ts 4:17, o arrebatamento se dá concomitantemente ao julgamento dos ímpios. O versículo 3, do capítulo 5, que tem como contexto a Volta de Cristo (veja o v.2 - o **dia do Senhor**), nos diz que "**quando (os ímpios) andarem falando de paz lhe sobrevirá repentina destruição..., e de modo nenhum escaparão**". E Paulo, no v.4, contrasta a posição dos irmãos que "**nesse dia**" (**dia do Senhor**) não serão pegos de surpresa, antes, estarão vigilantes a espera do Senhor.

O que podemos depreender destas considerações hermenêuticas é que, embora a idéia de um arrebatamento seja bíblica, em nada tem haver com o arrebatamento que a TUG apregoa. **Aquele** se refere ao encontro de Cristo com sua igreja nos ares - o que ocorrerá quase simultaneamente ao

juízo e condenação dos não crentes (não havendo possibilidade de ficarem na terra incólumes da destruição).

Este se refere a uma retirada secreta dos crentes da terra, e a permanência dos não crentes na terra para passarem pela grande tribulação.

5.9 - VOLTA AO PERÍODO DA LEI

No capítulo 10, LOPES diz que após o arrebatamento da igreja, encerra-se o período da graça e volta novamente o regime da lei. O templo vai ser reconstruído e os sacrifícios restaurados. Em súpula, a partir do arrebatamento, Deus passa a tratar novamente com o homem através da lei, e não mais pela graça.

Esta é mais uma idéia fantasiosa e insustentável da TUG. Um suposto regresso ao período da lei seria simplesmente um retrocesso na história da salvação para as condições do Velho Testamento, onde a salvação exigia o cumprimento rigoroso de todos os preceitos cerimoniais da lei, os quais eram sombras de Cristo que haveria de vir (Cl 2:17).

O próprio Senhor Jesus nos ensina que o período lei durou somente até João; a partir de Cristo instaurou-se o período da Graça (Lc 16:16). Paulo diz em Rm 10:4, que Cristo é o fim da lei; e em Gl 3:10 nos diz: "Todos quantos são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito;

maldito todo aquele que não permanece em todas as cousas escritas no livro da lei, para praticá-las”.

Logo imaginar um regresso ao período da lei para o homem, depois de Cristo, é encerrá-lo em maldições; maldições que Cristo tirou de sobre nós e carregou-as para Cruz. Portanto, querer viver novamente pela lei, é simplesmente negar que Cristo cumpriu perfeitamente a lei por todos os eleitos.⁶⁵

Na verdade, essa teoria estapafúrdia, nasce da necessidade digressiva de explicar a possibilidade de salvação para “os que ficarem após a retirada da igreja” da terra. Pois sem a igreja, o mundo fica sem o Espírito que nela habita. E sem o Espírito, o evangelho da graça não pode ser compreendido. Diante disto, só resta a volta ao período da lei como meio de salvação da humanidade, principalmente dos judeus.

⁶⁵ não estamos levando em consideração o fato de que segundo a TUG, este período se dará depois do arrebatamento. O que é uma impossibilidade. Pois, como já vimos, não haverá mais chance de salvação após o arrebatamento. Haja vista, que com ele se dará o julgamento e condenação de todos que não pertencem à Igreja de Cristo.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim de nosso trabalho. E gostaria de reafirmar algumas coisas que foram ditas na introdução e afirmar outras.

Gostaria de reafirmar meu respeito e apreço pelo irmão Lopes, ao qual pertence a obra aqui refutada. Em nada desabona a fé e a sinceridade do estimado irmão que no afã de fazer conhecidos os decanos da escatologia divina, ousou trazer a público uma obra dessa natureza.

Toda crítica neste trabalho apresentado visa levar a igreja reformada (e demais igrejas) à reflexão séria do assunto, que ao meu ver, nestes últimos dias deste milênio, será de vital importância para a igreja do Senhor Jesus Cristo.

Gostaria de afirmar também que não tenho a pretensão de que este trabalho seja a palavra última em matéria de escatologia. Subjaze a estas considerações, o intento de que outros possam nos trazer novas contribuições no estudo desta matéria tão fascinante. Diante disto, todo erro que seja encontrado neste trabalho (e não serão poucos) é de minha inteira responsabilidade.

BIBLIOGRAFIA

- BERKHOF, Louis.** Teologia Sistemática. Trad. Odair Olivetti. 4ª Ed. Capinas:LPC, 1996.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulinas, 1989.
- BÍBLIA SAGRADA.** *Edição Revista e atualizada*. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: SBB, 1984.
- CONFISSÃO DE FÉ.** São Paulo: CEP, 1991.
- ERICKSON, Millard. J.** Um Estudo do Milênio: Opções Contemporâneas na Escatologia. 3ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- GINGRICH, F. Wilbur & DANKER Frederick W.** Léxico do Novo Testamento Grego/Português. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- JEREMIAS, J.** As Parábolas de Jesus. 6ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1986.
- LOPES, E. P.** Somos a Última Geração. Rio Claro: Associação Religiosa Imprensa da Fé, 1996.

OLYOTT, Stuart. OUSE SER FIRME: O Livro de Daniel - Histórias e Profecias. São José dos Campos: Fiel, 1996.

RIBEIRO, A. R. Iniciação doutrinária: Doutrinas Básicas da Fé Cristã. Vol. I,II,III. Campinas: LPC, 1996.

RIENECKER F. & ROGER C. Chave Lingüística do Novo Testamento Grego. Trad. Gordon Chown & Júlio paulo T. Zabatiero. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.

VIRKLER, Henry A. Hermenêutica - Princípios e Processos de Interpretação Bíblica. Miami: Editora vida, 1987.

ZUCK, Roy B. A Interpretação Bíblica: Meios de Descobrir a Verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	2
Introdução.....	3

CAPÍTULO I

TEOLOGIA DA ÚLTIMA GERAÇÃO

1.1 - Postulados da TUG.....	8
1.1.1 - Gráfico Escatológico da TUG.....	12
1.1.2 - Legenda.....	12

CAPÍTULO II

ESCATOLOGIA DE CALVINO

E DOS SÍMBOLOS DE FÉ DE WESTMINSTER

2.1 - Afirmações Escatológicas de Calvino.....	13
2.1.1 - Quanto à Segunda Vinda de Cristo.....	13
2.1.1.1 - Ensino de Calvino sobre a Segunda Vinda de Cristo.....	14
1)A Segunda Vinda de Cristo será um evento único.....	14
2)Será uma vinda visível para toda a humanidade.....	15
3)Estabelecerá o fim da história humana.....	15
4)Encerrará a oportunidade de salvação.....	15
2.1.2 - Quanto à ressurreição dos mortos.....	16
2.1.2.1- Ensino de Calvino sobre a Ressurreição.....	17
1)A ressurreição escatológica será um evento único.....	17
2)A ressurreição geral acontecerá no último dia.....	18
2.1.3 - Quanto ao Juízo Final.....	18
2.1.3.1 - Ensino de Calvino sobre o Juízo Final..	19
1)O Julgamento dos homens (tanto de justos quanto de ímpios) será um evento único.....	19
2)O Juízo Final encerrará a história na terra.....	19
3)O Julgamento da humanidade encerrará a oportunidade de salvação.....	20
2.1.4 - Quanto ao milênio	
2.1.4.1 - Ensino de Calvino sobre o milênio.....	21

1)O reino de Cristo não está limitado por um período de mil anos.....	21
2)Não haverá um período milenar na terra após a Segunda Vinda de Cristo.....	22
2.2 - O testemunho dos Símbolos de Fé.....	23

CAPÍTULO III

A BASE ESCRITURÍSTICA DA ESCATOLOGIA

REFORMADA

3.1 - A Segunda Vinda de Cristo será um evento único.....	25
3.2 - A Segunda Vinda de Cristo será visível.....	26
3.3 - A Segunda Vinda trará o fim da história humana.....	27
3.4 - Na Segunda Vinda de Cristo termina a oportunidade da Salvação.....	27
3.5 - A ressurreição, dos justos e dos ímpios, é um evento único.....	28
3.6 - A ressurreição, tanto de justos quanto de ímpios, acontecerá no último dia.....	28
3.7 - O Julgamento dos homens será em evento único.....	29

CAPÍTULO IV

HERMENÊUTICA REFORMADA

4.1 - História da hermenêutica.....	30
4.1.1 - Corrente alegórica.....	31

4.1.2 - Corrente Espiritualista.....	32
4.1.3 - Corrente liberal.....	33
4.1.4 - Corrente literalista.....	35
4.2 - Hermenêutica reformada.....	36

CAPÍTULO V

REFUTAÇÃO AOS POSTULADOS DA TUG

5.1 - A restauração do Israel pós-guerra.....	41
5.2 - A pretensa profecia da figueira.....	43
5.3 - A situação moral e espiritual na Volta de Cristo.....	45
5.4 - Os judeus continuam sendo o povo de Deus.....	46
5.5 - Teoria do duplo evangelho.....	48
5.6 - A igreja não passará pela Tribulação.....	49
5.7 - As setenta semanas de Daniel.....	50
5.8 - Arrebatamento.....	51
5.9 - Volta ao período da lei.....	55
CONCLUSÃO.....	57
BIBLIOGRAFIA.....	58